

## Eduardo Lourenço e a sua heterodoxa (des)Geo(a)grafia

Rui Jacinto

Universidade de Coimbra - Centro de Estudos de Geografia e de Ordenamento do Território (CEGOT)  
rjacintomm@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1405-3042>

*“[o vento] Vinha por sobre a aberta fronteira  
para me dar uma pátria num tempo e num  
espaço que jamais serão os meus”* (Eduardo  
Lourenço, 2015 [1958]: 67).

### 1. “*Tu me deste uma sabedora desgeografia*”: Eduardo Lourenço e a demanda duma heterodoxa geofricidade

Mia Couto, que foi Prémio Eduardo Lourenço em 2011, fez circular um poema nas redes sociais (19-12-2013), em jeito de carta de homenagem a Manoel de Barros (1916-2014), quando o poeta de Cuiabá já se encontrava bastante doente, que incluía o seguinte verso: “*Tu me deste uma sabedora desgeografia*”. Conhecido como criador de palavras, o escritor moçambicano viria a publicar o referido poema (Manoel de Barros), um ano mais tarde, em *Vagas e lumes* (2014: 52)<sup>1</sup>, com uma subtil nuance: “*Tu me deste uma sabedora geo-agrafia*”. A Geografia surge, aqui, como uma palavra atravessada no meio do caminho por dificultar o tráfego (poético) entre autores cuja distância está apenas em terem as suas raízes em dois continentes diferentes.

Na perspetiva de Mia Couto, a palavra Geografia *desconsegua* traduzir cabalmente o espaço e o tempo de imaginários poéticos unidos, cuja intimidade cúmplice não admite separações impostas por latitudes ou longitudes. O escritor moçambicano foi, por esta razão, em demanda de uma *Outra Geografia*, mais abrangente, que desse expressão a uma afinidade assente na união de facto entre a poesia da sua savana e a que mergulha no ambiente mais profundo do pantanal sertanejo mato-grossense. Por transcenderem o perímetro normalmente atribuído à Geografia convencional, tais sentimentos levaram-no a conceber essa *(des)geo(a)grafia* que, desrespeitando convenções e crenças aceites, acaba por

se desviar dos padrões instituídos e das posições oficiais.

A dificuldade em encontrar o lugar certo e a posição exata para colocar prefixo (*des*; *a*), no início ou no meio da palavra, mostra como tal postura, cara aos heterodoxos, não é isenta de contradições. Competirá aos filólogos decifrar o enredo entre os prefixos e as palavras, embora, fazendo fé nos dicionários, o *des* de *Desgeografia*, pode indicar negação, separação ou cessação, exprimir reforço, associando-se, muitas vezes, a um valor negativo quando associado a adjetivos ou um valor de oposição se ligado a verbos. *Geo-agrafia*, que motivou a mudança de prefixo e a inclusão dum hífen, explica-se porque o *a* é “um elemento protético que não acrescenta significado ou que exprime simples reforço, noções de adjunção, aproximação, passagem a um estado, mudança”, ou exprimir as noções de afastamento, privação, negação se a origem do prefixo for do grego (*a-* ou *an-*).

Mia Couto sentiu necessidade de definir os contornos destas novas palavras, ainda sem redação precisa nem entrada nos dicionários, tentando dar-lhes um significado cujo conteúdo só podia ser, compreensivelmente, poético: “*Dizem que entre nós/ há oceanos e terras com peso de distância./ Talvez. Quem sabe de certezas não é o poeta./ O mundo que é nosso/ é sempre tão pequeno e tão infindo/ que só cabe em olhar de menino./ Contra essa distância/ tu me deste uma sabedora geo-agrafia*”. Tão sabedoras *(des)geo(a)grafias* são caras aos poetas e aos filósofos por abarcarem dimensões intangíveis e latitudes que a Geografia não comporta, mostrando, por isso, eficácia para superar distâncias e incertezas. Essas novas palavras facilitam a aproximação ao outro, a captação do espírito do lugar e a possibilidade de superar o peso da distância ditada pela lonjura das terras e a profundidade dos oceanos.

A tentativa de encontrar uma réstia de geofricidade entre os meandros da vida e os labirintos da obra de Eduardo Lourenço coloca-nos perante a mesma perplexidade e a absoluta necessidade dum novo léxico e outras gramáticas para nos movimen-

<sup>1</sup> A história do poema, que teve como título inicial “Um abraço para Manoel”, está contada na Revista Pazes (<https://www.revistapazes.com/o-poema-que-mia-couto-escreveu-para-manoel-de-barros/>).

tarmos numa teia tão densa e complexa. Decifrar o pensamento dendrítico de Lourenço carece de palavras justas e adequadas, coordenadas que permitam esboçar a cartografia dum legado que a cada momento nos remete para uma Outra Geografia. A dificuldade em encontrar azimutes e pontos de referência para descodificar a improvável geografia que se esconde numa obra intemporal e sem fronteiras é agravada pelo parco conhecimento da vasta obra de Eduardo Lourenço que duas décadas de gratificante convívio não conseguiram temperar.

O desafio empolgante que sempre representa a viagem pelo vasto universo do pensamento de Eduardo Lourenço não apaga a pretensa estultícia de correr atrás duma eventual geografia, mesmo heterodoxa, que possa existir perdida no verdadeiro atlas das suas ideias. Como aconteceu com Mia Couto, a propósito da obra de Manoel de Barros, acabaremos por concluir: “*E assim, / sem lonjura, / na mesma água / riscaremos a palavra / que incendeia a nuvem.*” Talvez aí se consiga esboçar o mapa, mesmo que incipiente, do pensamento de Eduardo Lourenço.

*“As fronteiras chamadas naturais pertencem mais à geografia que à história. Nelas não se joga o destino, individual ou colectivo, sob imperativo ético. Como dizia Hegel, uma montanha é só o que é. Não deixa passar ou só o consente através do esforço incomum. Só porque eles eram Aníbal e Napoleão, a travessia dos Alpes foi história e não mera geografia. Uma fronteira é um paradoxo incarnado: “natural” deixa de significar, simbólica nem precisa de se materializar” (Eduardo Lourenço, 2004).*

## 2. 2. Eduardo Lourenço e a Geografia: uma discreta e improvável relação

Os sinais da relação de Eduardo Lourenço com a Geografia são tão discretos como escassos são os contactos que manteve com os geógrafos. As referências diretas e explícitas à Geografia são esporádicas e pouco frequentes na sua obra. No decurso duma trajetória de quase um século é possível detetar alguns contactos com um ou outro geógrafo, aproximações que se apresentam com a identificação dos momentos e dos contextos em que ocorreram.

### i. Frequência da disciplina de Geografia Humana.

A disciplina de *Geografia Humana* integrava o programa da Licenciatura em Ciências Histó-

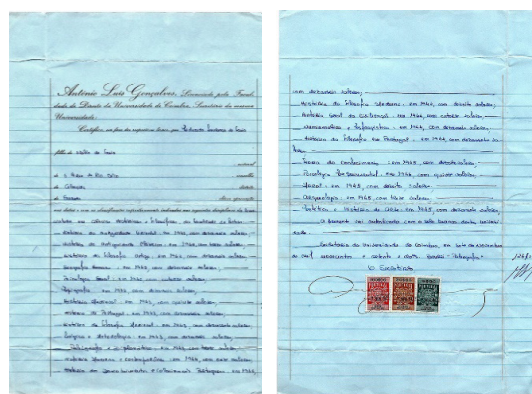


Figura 1

Cadeiras da Licenciatura de Eduardo Lourenço em Ciências Histórico e Filosóficas. Registro onde se assinala a frequência de Geografia Humana

Fonte: <http://www.eduardolourenco.com>

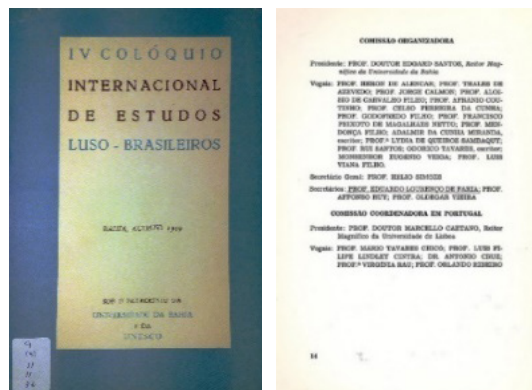


Figura 2

Livro de Atas (Capa e Comissão Organizadora) do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (Salvador, Bahia, 1959).

Fonte: <http://www.eduardolourenco.com>

co e Filosóficas, feita por Eduardo Lourenço, na Universidade de Coimbra, entre 1941 e 1946. A cadeira, ministrada por Aristides de Amorim Girão, foi concluída em 1942 com a classificação de dezasseis valores (Figura 1).

ii. *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros* (1959, Salvador da Bahia). Alfredo Fernandes Martins (1916-1982) e Eduardo Lourenço (1923-2020) contemporâneos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde entraram como assistentes, respetivamente, em 1942 e 1943, participaram no Colóquio realizado em Salvador. Embora tenham frequentado as mesmas tertúlias que animavam, nessa época, o meio intelectual de Coimbra e partilhassem os mesmos ideais de liberdade, eram personalidades cujos



Figura 3

Alguns dos geógrafos participantes no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. *Esquerda:* Milton Santos, Agostinho da Silva, António Tenreiro e Jean Tricart. *Direita:* Alfredo Fernandes Martins com colegas brasileiras participantes no evento

Fonte: Arquivo pessoal da Professora Maria Auxiliadora da Silva (UFBA).

imaginários e modos de estar vida eram bem distintos. Alguma cumplicidade e amigos em comum podia fazer antever a aproximação de ambos ao núcleo duro do neorrealismo, grupo relativamente hegemónico na época, que gravitou em torno da casa de João José Cochofel, hoje Casa da Escrita. Apesar da amizade com membros desse grupo, tanto Alfredo Fernandes Martins como Eduardo Lourenço, pelo espírito irreverente, libertário e heterodoxo dificilmente aceitariam ou se enquadrariam numa organização dominada por um pensamento único. Ambos acabariam por participar no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em 1959 em Salvador da Bahia<sup>2</sup>, evento importante nos respetivos percursos (Figuras 2 e 3). Eduardo Lourenço tinha ido ensinar filosofia para a Bahia no ano anterior acabando por ser designado um dos Secretários do referido Colóquio. O encontro de geógrafos realizado neste âmbito, enquadrado na secção I do Colóquio, O Homem e o Meio, foi um marco importante nas relações das Geografias de Portugal e do Brasil, paralelo ao que representaram os Congressos da UGI que tiveram lugar em Lisboa (1948) e no Rio de Janeiro (1956). Embora sem muitas consequências práticas, a iniciativa teve significado para as Geografias

dos dois países se levarmos em consideração os geógrafos que marcaram presença em Salvador. Além dos geógrafos brasileiros, capitaneados pelo anfitrião Milton Santos, estiveram presentes duas delegações com forte representação: a portuguesa, que incluía Alfredo Fernandes Martins, António Tenreiro e Raquel Soeiro de Brito, e a francesa, de alto nível, onde pontificavam nomes como Pierre George, Jean Tricart, Michel Rochefort, Pierre Deffontaines, etc.. A participação dos geógrafos franceses reforçou o prestígio do evento que ditaria a ascensão de Milton Santos, tanto no plano interno como no firmamento internacional.

iii. *Fernando Rebelo apadrinha a proposta de Eduardo Lourenço de criar um Instituto da Civilização Ibérica.* A ideia seminal do Professor Eduardo Lourenço de criar um Instituto da Civilização Ibérica, lançada num célebre discurso que proferiu na Guarda (Oito séculos de altiva solidão), em 27 de novembro de 1999, por altura das Comemorações do Oitavo Centenário da Cidade da Guarda, seria acolhido pelo então Reitor da Universidade de Coimbra, Fernando Rebelo. Esta ideia, que acabaria por estar na génese do Centro de Estudos Ibéricos (CEI), viria à luz do dia, um ano mais tarde, em 27.11.2000, com a assinatura do protocolo fundador do CEI, entre os Reitores das Universidades de Coimbra (Fernando Rebelo), de Universidade de Salamanca (Ignacio Berdugo

<sup>2</sup> A escolha da Bahia para a realização do Colóquio não foi obra do acaso: em 15 de Maio de 1957, o então Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o professor e médico Edgar Santos, político influente que chegou a ser Ministro do Brasil, havia sido agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra.

Gómez de la Torre) e a Presidente da Câmara Municipal da Guarda (Maria do Carmo Borges; Figuras 4 e 5). A relação umbilical de Eduardo Lourenço e da Geografia com o CEI prolongou-se com a nomeação pelos Reitores das duas Universidades para a Comissão Executiva do Centro de Valentin Cabero Dieguez e de Rui Jacinto. A história do CEI, embora curta, leva vinte anos de atividade, profícua e perseverante, pautada por uma missão que, inspirada no seu mentor, é pautada pelo Conhecimento, Cultura e Cooperação (Rui Jacinto (2020).

iv. *(Re)Encontro em tempos de (Des)Encontros.*

Eduardo Lourenço proferiu a Conferência de Abertura do Seminário com este título, organizado pelo Departamento de Geografia e Turismo e pelo CEI, que decorreu na Faculdade de Letras, em 2015, momento em que se prestou homenagem a Maria Luísa Ferro Ribeiro, primeira geógrafa de Cabo Verde, licenciada em 1961 pela Universidade de Coimbra (Figura 6). Na sua intervenção, Eduardo Lourenço dissertou sobre “todos os países que falam ou que admitiram que a sua própria língua, o português como língua oficial. Vejo agora que essa famosa designação, os famosos PALOP já não são PALOP são CPLP, gosto mais! O PALOP parece um monstro um pouco difícil até de ler. O PLP é melhor, mais racional, mais claro, penso que o nosso relacionamento a vários níveis com os ex-PALOP e os PLP vai ser mais natural. Penso que vamos viver, no futuro, com mais naturalidade, com uma familiaridade maior, relações com as antigas colónias do que vivemos, não só com os outros que não falam a nossa língua, mas também com os outros, com o próprio Brasil que foi a coroa da glória da nossa presença no mundo, enquanto descobridores, para não dizer colonizadores. A palavra custa muito a empregar em relação ao Brasil, gosto mesmo que os brasileiros me expliquem que espécie de colonização foi a nossa, para me dizerem quem são e quem é que nós somos. Isto são reflexões de alguém que não tem nenhuma qualidade historiográfica para se pronunciar” (Eduardo Lourenço, 2015: 178).

v. *Roteiro Eduardo Lourenço: andanças e reflexões transfronteiriças.* Apesar das escassas



Figura 4

Lançamento da primeira pedra da reabilitação da Sede do CEI (Quinta do Alarcão), em 27.11.2000. Neste dia foi assinada a parceria que instituiu o CEI entre Maria do Carmo Borges (Presidente da Câmara Municipal da Guarda), Fernando Rebelo (Reitor da Universidade de Coimbra) e Ignacio Berdugo Gómez de la Torre (Reitor da Universidade de Salamanca), sob o patrocínio de Jorge Sampaio (Presidente da República Portuguesa).



Figura 5

Fernando Rebelo, em segundo plano, na celebração do 85º Aniversário de Eduardo Lourenço (CEI, Guarda; 23.05.2008)

referências à Geografia e de poucas evidências espaciais existentes no legado de Eduardo Lourenço, a sua Geografia vivida não deixa de nos remeter para lugares cujo espírito nos ajudam a recontextualizar algumas facetas duma obra instigante. Conjugando este objetivo com o interesse de ler e interpretar os territórios onde se integram, desenvolveu-se um projeto que levou a percorrer os lugares que marcam o percurso do autor desde a terra onde nasceu até Coimbra, itinerário que, por naturais afinidades académicas, se estendeu a Salamanca. O *Roteiro Eduardo Lourenço*, que estruturou o Trabalho de Campo realizado durante o Curso de Verão de 2018, entre aquelas cidades universitárias (Figura 7), proporcionou um livro, que lhe serviu de guia, lançado na Casa da Escrita (Rui Jacinto e Valentin Cabero Dieguez, 2018). As andanças



Figura 6

(Re)Encontro em tempos de (Des)Encontros. Intervenção de Eduardo Lourenço no Seminário organizado pelo Departamento de Geografia e Turismo e pelo CEI (2015).

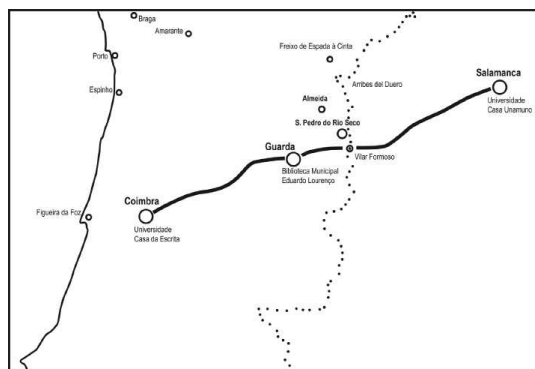


Figura 7

Roteiro Eduardo Lourenço: Coimbra - Guarda - S. Pedro do Rio Seco - Salamanca. Trabalho de Campo do Curso de Verão (2018), organizado pelo CEI e pelos Departamentos de Geografia das Universidades de Coimbra e de Salamanca.

de Eduardo Lourenço, compiladas neste roteiro, replica o secular eixo estratégico de cooperação científica e cultural entre as duas Univer(c)idades. A leitura da obra de Eduardo Lourenço, a partir de alguns fragmentos que remetem para alguns lugares emblemáticos, não só definem o percurso como ajudam a interpretar o território onde se integram. Contribui-se ainda, com esta iniciativa, para aprofundar o diálogo transfronteiriço que as cidades de Coimbra, Guarda e Salamanca, como as áreas adjacentes à fronteira, nunca deixaram de partilhar.

*“o destino desta velha terra [Guarda], consagrada à defesa e vigilância de um pequeno reino, que não sabia ainda que seria grande e disperso como um arquipélago, não era o da viagem, mas o da vigília, do ensimesmamento e, em todos os sentidos do termo, da solidão. Da grande solidão das Beiras falou o etnólogo e antropólogo Jorge Dias. Façamos nós da sua efectiva interioridade, mais filha da história do que da geografia, não para assinalar uma*

*condição de isolamento, difícil de viver e aceitar, mais a mais num espaço tão pequeno como o nosso, em que tudo está próximo de tudo, mas para a pensar”* (Oito séculos de alta solidão (Eduardo Lourenço, 1999).

### 3. Desgeo(a)grafia ou um Mapa à procura das legendas: breve roteiro da Geografia vivida por Eduardo Lourenço

A obra de Eduardo Lourenço tem poucas referências diretamente georreferenciáveis, embora a sua Geografia vivida remeta para vários lugares que habitou ou que ficaram indelevelmente ligados ao seu percurso académico. Esta cartografia, que começa na remota aldeia fronteiriça de S. Pedro de Rio Seco, onde nasceu em 1923, fica concluída, em 2020, no mesmo lugar, onde retorna para um “regresso sem fim”, após uma última estadia de alguns anos em Lisboa. A diáspora de Eduardo Lourenço foi vivida entre exílios efetivos e imaginados, uma desterritorialização que, oscilando entre realidade e ficção, potenciou a tensão entre a ausência dum observador sempre presente e a presença constante dum ausente temporário. Esta intermitência não foi suficiente para o desvincular de pensar o país, como atestam as referências abundantes que se encontram em algumas das suas obras, sobretudo a Portugal, a outros países da lusofonia e da Europa. A toponímia a que recorreu para ilustrar certas ideias acabam por definir a Geografia que está implícita ao seu pensamento, mapa mental cujos territórios estão no centro das suas reflexões. É um tema a que, oportunamente, vamos regressar.

As várias etapas do longo itinerário pessoal, aquém e além-fronteiras, levaram Eduardo Lourenço a deambular por um rosário de lugares que não têm tradução direta numa obra pouco aderente a lugares e quase omissa a territórios específicos. A não inscrição de referências locativas não significa que tenha passado em vão pelos lugares, ou que estes não o tenham tocado, pois não deixaram de lhe influenciar o olhar ou sugerir a reflexão de certos temas específicos. Por exemplo, a discreta e rápida passagem de Eduardo Lourenço por Salvador (1959), de apenas um ano, permitiu que ganhasse distância para, a partir de fora, alargar horizontes e encetar um novo olhar, se não a partir do olhar do outro, pelo menos para abordar a leitura do país a partir duma perspetiva

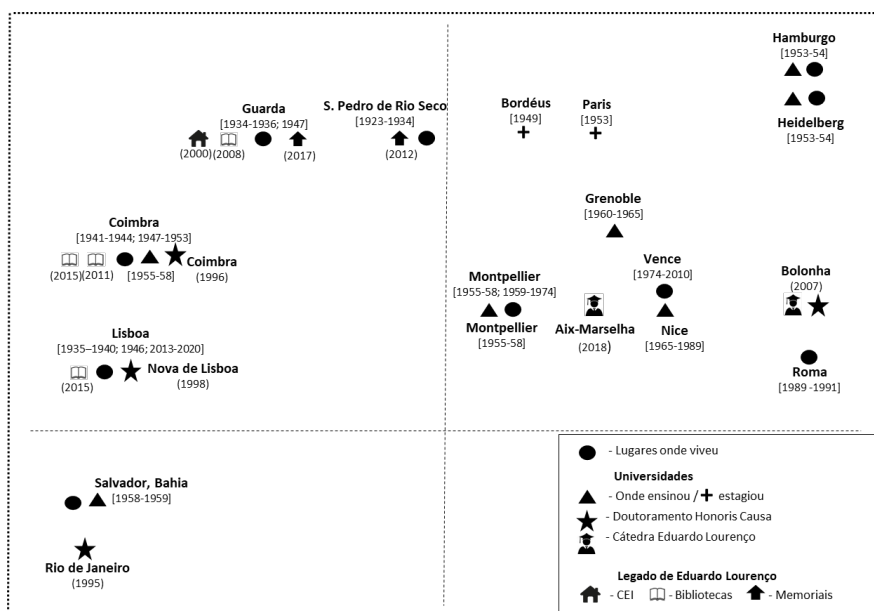


Figura 8

Um Mapa à procura das legendas: a Geografia viva de Eduardo Lourenço

diferente. A multiterritorialidade inerente à viagem e estas vivências suscitaram reflexões sobre temas para os quais não estaria desperto. A sua passagem pela Bahia, como acabou por reconhecer, abriu novas pistas para pensar Portugal, o Brasil e, também, o colonialismo. Foi esta estadia no Brasil que levou Lourenço a escrever o contundente ensaio “*A propósito de Freyre (Gilberto)*” (1961), rebatendo as suas teses luso-tropicalistas e a encetar reflexões que estiveram nos antecedentes de *O Labirinto* (1978): “em última análise, portanto, todo o *arrière plan* do *Labirinto da Saudade* tem a ver com a minha estadia na Bahia”<sup>3</sup>.

Importa lembrar, a este propósito, um certo paralelismo com o livro mais longo de Fernando Namora, *Diálogo em Setembro* (1966), escrito na sequência duma viagem deste escritor à Suíça, objeto

duma longa recensão que Eduardo Lourenço publicaria no *Comércio do Porto*, em 1968, a que deu o título de “*Psicanálise de Portugal. À margem de diálogo em Setembro*”. Lourenço não deixa de se rever nesta obra de Namora ao ponto de, curiosamente, ou talvez não, encontramos aqui a palavra que irá escolher para subtítulo do seu livro mais emblemático: *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. O texto com este subtítulo, repescado do ensaio suscitado pelo livro onde Namora lança um olhar acutilante sobre Portugal, de fora para dentro, irá culminar *O labirinto*, ensaio colocado como último capítulo duma obra que termina, aliás, com a seguinte frase escrita a propósito de *Diálogo em Setembro*, mas igualmente aplicável ao *Labirinto* de Lourenço: [Fernando Namora] “oferece-nos um espelho incomum para nos vermos. Debrucemo-nos nele”.

O roteiro deste português errante tem por coordenadas os lugares dum mapa cuja Geografia se dispersa por Portugal, Brasil e alguns países da Europa (Figura 8). Adiantam-se as coordenadas estruturadas por lugares onde assentou arraiais, em algum momento por qualquer motivo, referências incontornáveis da Geografia viva cujo mapa define o Roteiro de Eduardo Lourenço.

i. *Lugares onde viveu*. O périplo de Eduardo Lourenço segue uma espiral definida pelos lugares dum percurso estruturado por três

<sup>3</sup> “A minha estadia no Brasil foi curta, apenas de um ano. Nós nunca sabemos muito sobre as experiências que vivemos, qual foi o seu real impacto, porque muitas vezes só mais tarde é que se toma conhecimento disso. (...) Curiosamente estamos nos anos 58-59 e esse é um momento em que no mundo, em todos os continentes, se verificava o fim das descolonizações. E evidentemente percebi que Portugal estava metido numa encruzilhada por estar à beira de um precipício num ponto de vista da perda dos interesses coloniais, uma vez que Angola e Moçambique caminhavam para uma emancipação inevitável. Mas em Portugal ninguém queria realmente saber disso. Foi aqui no Brasil que, paradoxalmente, comecei a interessar-me por este tema do império, da colonização, e no fundo foi aqui que nasceu a ideia de que não se podia ter uma leitura da história portuguesa, da cultura portuguesa, sem conhecer esta outra parte do que tinha sido o império português. Em última análise, portanto, todo o *arrière plan* do *Labirinto da Saudade* tem a ver com a minha estadia na Bahia” (Eduardo Lourenço, 2015 [2000]).



Figura 9  
“O meu *Paris Texas* é São Pedro do Rio Seco”: Cruzeiro. S. Pedro de Rio Seco, 2018

Fonte: Arquivo pessoal da Professora Maria Auxiliadora da Silva (UFBA).



Figura 10  
Largo Eduardo Lourenço: edifício da Escola Primária, hoje Junta de Freguesia, que frequentou. S. Pedro de Rio Seco, 2018.



Figura 11  
Casa onde viveu Eduardo Lourenço (primeiro plano). Vence, 2007.  
Fonte: Arquivo pessoal da Professora Maria Auxiliadora da Silva (UFBA).

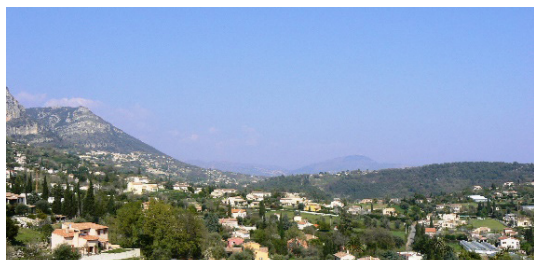


Figura 12  
Entorno paisagístico de Vence, 2007.

etapas fundamentais: origem, peregrinação, seguida dum inexorável regresso:

a. *Origem*: S. Pedro de Rio Seco [1923-1934] (Figuras 9 e 10).

b. *Peregrinação*, onde se observam duas variantes: (1) *Interior*: Guarda [1934 - 1936]; Lisboa [1935-1940; 1946]; Coimbra [1941-1944 e 1947-1953; estágios em Bordéus (1949) e Paris (1953)]; (2) *Exterior*: Hamburgo e Heidelberg [1953-54]; Montpellier [1955-58; 1959-1974]; Salvador, Bahia [1958-1959]; Vence [1974-2013] (Figuras 11, 12 e 13); Roma [1989 -1991].

c. *Regresso (Sem Fim)*: Vence - Lisboa - S. Pedro de Rio Seco [2013-2020].

*“Eu fiquei em S. Pedro. Os primeiros dez anos da minha vida foram passados nessa aldeia, muito representativa do nosso atraso. Não havia água nem electricidade [...] Sem mitificar a infância, o que, aliás, seria justo e natural, foi um tempo despreocupado, todo entregue à brincadeira, irresponsável. E depois veio a entrada na escola, onde fui um menino aplicado”*<sup>4</sup>

*“Na minha vida há poucas escolhas. Deixei-me escolher. Não tenho a pretensão de ter sido escolhido. Estou em Vence por força do acaso. Ao tempo era leitor de português, havia casado em França, a minha mulher já tinha o seu lugar e eu fui para o sítio onde me ofereceram a possibilidade de ganhar, modestamente, a minha vida”*<sup>5</sup>.

ii. *Universidades*. Eduardo Lourenço frequentou diversos centros de conhecimento desde que começou a estudar na Universidade de Coimbra e onde viria a ensinar alguns anos, intercalados com breves estágios nas Universidades de Bordéus e de Paris. Foi leitor e professor nas Universidades de Hamburgo e Heidelberg, Montpellier, Bahia, Grenoble e Nice, tendo receberia a distinção de Doutor Honoris Causa pelas Universidades do Rio de Janeiro (1995), de Coimbra (1996), Nova de Lisboa (1998) e de Bolonha (2007). Funcionam, atualmente, Cátedras Eduardo Lourenço na Universidade de Bolonha (desde 2007) e de Aix-Marselha (2018).

<sup>4</sup> <http://www.eduardolourenco.com>, citando Luís Miguel Queirós (“Retrato de um pensador errante”, Público, 13/05/2007, p.42).

<sup>5</sup> <http://www.eduardolourenco.com>, citando entrevista a Eduardo Lourenço por José Mário Silva (*Diário de Notícias*, 21/3/1998).



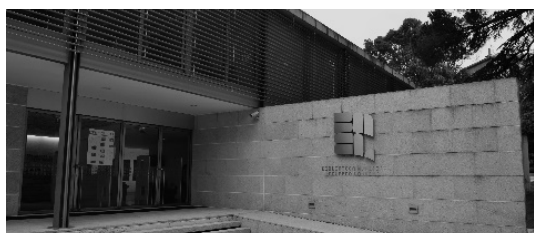
**Figura 13**  
Esplendor dum caos organizado. Eduardo Lourenço na sua biblioteca (Vence, 2007).



**Figura 14**  
Centro de Estudos Ibéricos, Guarda.



**Figura 15**  
*Rotas Ibéricas*: andar, ver e conhecer. Trabalho de campo num dos Cursos de Verão.



**Figura 16**  
*Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço* (BMEL, Guarda; Figura 16). Inaugurada em 27 de Novembro de 2008, no dia da cidade, com a presença do seu patrono, acolhe cerca de três mil livros doados pelo ensaísta. A lista completa encontra-se publicada em *Leituras de Eduardo Lourenço. Um labirinto de saudades, um legado com futuro*<sup>6</sup>.

iii. *Legado de Eduardo Lourenço: espólio repartido por Centros, Bibliotecas, Memoriais*. A conjugação de vários fatores pessoais leva Eduardo Lourenço a iniciar, depois de 2007, a preparação do regresso. Esta decisão, que começou com a mudança de casa e o processo difícil de desmontar a sua biblioteca (Figura 13), foi acompanhada da opção de repartir os livros e os manuscritos por diferentes lugares e instituições. Começou por doar parte significativa dos livros à Guarda, onde se havia iniciado a instalação do Centro de Estudos Ibéricos (CEI; Figuras 14 e 15), que acompanhou de perto, livros que ficaram em espaço próprio na nova Biblioteca Municipal, que se encontrava em construção e a que a Câmara Municipal decidiu atribuir o nome de Eduardo Lourenço (Figura 16).

Além da Guarda, onde se localizam estes dois equipamentos (Biblioteca e CEI), a memória de Eduardo Lourenço dispersa-se por outros lugares numa demonstração que o saber ocupa lugar: Coimbra, onde estão sediadas Biblioteca a que legou livros (Faculdade de Letras e Casa da Escrita; Figuras 17 e 18), e Lisboa (Biblioteca Nacional; Figura 19); neste itinerário há que referir dois Memoriais que foram erguidos, ainda em vida, em sua homenagem (S. Pedro do Rio Seco e Guarda; Figuras 20 e 21). Os

<sup>6</sup> CEI (2008) - *Leituras de Eduardo Lourenço. Um labirinto de saudades, um legado com futuro*. Guarda, CEI. No dia da inauguração foi ainda editado: *Um (e)terno olhar. Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda*. Guarda, CEI.

lugares onde repousa fisicamente o legado de Eduardo Lourenço definem, simbolicamente, a sua matéria, a Geografia afetiva dos territórios mais íntimos a que quis ficar perenemente vinculado, roteiro que nos permite percorrer o tempo e o espaço do seu incessante labor criativo.

*Centro de Estudos Ibéricos (CEI): Casa Comum do Conhecimento, da Cooperação e da Cultura.* A outro propósito foi escrito que “naquele dia de Novembro, no Hotel Turismo da Guarda, que continua a resistir ao tempo mas, certamente, com dificuldades em compreender a incúria dos homens, o que foi um ocasional e gratificante encontro permanece no meu espírito com a magia do que pela primeira vez acontece. A Guarda celebrava com pompa e circunstância “*oito séculos de ativa solidão*”, o oitavo Centenário da concessão da carta de foral pelo povoador D. Sancho I. Ao pequeno-almoço, Eduardo Lourenço manifestava não ter sido capaz de concluir o discurso que, daí a momentos, em memória da sua cidade, ia proferir na sessão solene daquelas comemorações. Deixava transparecer leves sinais de irrequie-tude que atribui a um aparente nervosismo; reconhecimento, hoje, decorrer duma infinita curiosidade por tudo que o rodeia, que a calma só regressa quando as palavras fluem em demanda de novas ideias e realizáveis utopias. Na sua presença, ontem e sempre, a conversa irá girar em torno de temas vários, dos mais banais aos mais complexos, do que acontece no Mundo e na Europa, em Portugal e em Espanha, na Guarda ou em S. Pedro de Rio Seco; discorreu, então, sobre as figuras tutelares de Unamuno e Oliveira Martins, o interior e a fronteira, o passado, o presente, o futuro, revisitou Coimbra e a nossa Universidade, falou da necessidade duma cooperação que reactivasse o ancestral eixo cultural e científico que une Salamanca a Coimbra” (Jacinto, 2013).

O prolongado convívio que desde então fomos mantendo apenas veio aprofundar a convicção que não teríamos “um futuro se nós próprios não nos dermos esse futuro”, como Eduardo Lourenço oportunamente havia escrito. Será esta ideia que o terá levado a sugerir a criação de “um instituto” com as características que o CEI viria a assumir. Os ventos pareciam a correr de feição, não havia dúvidas que o rumo era certo nem engano que o caminho seria plano e sem rugosidades. Depositava-se crença cega na aceleração que tomava a construção europeia, não se questionava o alargamento a leste, acreditava-se num futuro auspicioso que reservava a impará-



Figura 17  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Coimbra, 2011). Doação de material bibliográfico, por altura das comemorações do centenário da FLUC, relacionado com Filosofia e História das Ideias e da Cultura.



Figura 18  
Casa da Escrita (Coimbra, 2015). Foi criada a Sala Eduardo Lourenço destinada a albergar cerca de 3000 livros doados, entre ensaios e obras literárias.



Figura 19  
Biblioteca Nacional (Lisboa; Janeiro 2015). O Espólio de Eduardo Lourenço (manuscritos, alguns inéditos e outra documentação) integra o Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC) da Biblioteca Nacional de Portugal desde 2014.

vel globalização. Eduardo Lourenço, que continuava a pendular entre Vence e Portugal, acompanhava de perto a consolidação do CEI, a quem emprestou o seu prestígio e capital de conhecimento, participando em muitas atividades que iam sendo programadas. O desafio que havia lançado em 1999 para a criação na Guarda do Instituto da Civilização Ibérica<sup>7</sup>, estou em crer, foi um impulso íntimo, sentido e profundo, quem sabe um apelo subconsciente onde já pairaria a aspiração larvar de iniciar o retorno à sua mãe, esse regresso sem fim de que falaria mais tarde, antecipação do reencontro com as origens, o efetivo regresso a casa do filho pródigo.” (Jacinto, 2020).

As duas décadas que nos separam do ato fundador do CEI, realizado em 2000, foram pródigas em iniciativas inspiradas e, muitas delas, concretizadas com o envolvimento direto de Eduardo Lourenço. Este património perpetua a relação umbilical que manterá com um Centro cujas atividades (Figura 15) passam por apoiar a investigação, difundir conhecimento e promover eventos (colóquios, conferências, exposições, etc.), além das edições que promove<sup>8</sup>. De referir ainda duas iniciativas promovidas pelo CEI diretamente relacionadas como o seu mentor, patrono e Diretor Honorífico: (i) *Prémio Eduardo Lourenço*, criado em sua homenagem, em 2005, destinado a agraciar personalidades ou instituições com intervenção relevante no âmbito da cultura, da cidadania e da cooperação ibéricas; (ii) *Memorial Eduardo Lourenço*, núcleo criado no CEI, previsto para inaugurar no início das Comemorações dos 20 anos do CEI, em dezembro de 2020, onde será exposto parte do espólio doado, em 2019, que inclui medalhas,

<sup>7</sup> “Eu penso que nesta cidade se podia imaginar qualquer coisa como um Instituto de Civilização Ibérica, onde os nossos laços comuns que só Oliveira Martins foi capaz de apreender fossem repensados para que nós soubéssemos efectivamente quem somos e onde estamos, não tão isolados como imaginamos, mas sempre sob o olhar do outro, para sabermos quem é o outro, com quem desejamos dialogar e, assim, nos defender de uma maneira diferente da que foi a nossa durante séculos”.

<sup>8</sup> Além da Revista anual (Iberografias) e da *Coleção Iberografias* há a publicação regular de *Catálogos*, sobretudo os que decorrem do projeto Transversalidades - Fotografia sem Fronteiras (9 edições) e dos Encontros Imagem & Território. A Coleção Iberografias, que inclui 39 títulos publicados, iniciou-se com a publicação de Valentin Cabero (Iberismo e Cooperação: Passado e Futuro da Península Ibérica, Nº 1, 2003), inclui dois volumes com textos de Eduardo Lourenço: O outro lado da lua - Inéditos de Eduardo Lourenço (Nº 4, 2004) e Vida Partilhada - Eduardo Lourenço, o CEI e a Cooperação Cultural (Edição comemorativa dos 90 anos do autor) (Nº 21, 2013). Destacam-se entre os vários *Catálogos* publicados: Um país de longínquas fronteiras (1999); Identidades Fugitivas (2001); Fronteira, Emigração, Memória (2004); Tempos de Eduardo Lourenço - Fotobiografia (2003); Leituras de Eduardo Lourenço. Um labirinto de saudades, um legado com futuro (2008); Um (e)terno olhar. Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e a Guarda (2008).



Figura 20  
Memorial a Eduardo Lourenço, da autoria de Leonel Moura. S. Pedro de Rio Seco, inaugurado em 2012.



Figura 21  
Memorial a Eduardo Lourenço, da autoria de Florencio Maillo. Guarda, Jardins da Quinta do Alarcão (Sede do CEI), inaugurado em 2017, no âmbito do SIAC.

condecorações e outros testemunhos de prémios com que foi galardoado<sup>9</sup>.

## Referências bibliográficas

Lourenço, Eduardo (2004). Jogos de fronteira, jogos de memória. in Rui Jacinto; Virgílio Bento (Coord.) - Fronteira, Emigração Memória. Guarda, Centro de Estudos Ibéricos.

<sup>9</sup> Lista completa do material doado publicada em: Eduardo Lourenço e o CEI: inventário de espólio doado. In Iberografias Nº 15, 2019, pp. 337-350.

- Lourenço, Eduardo (2015). (Re)encontro em tempo de (Des)encontros. *Iberografias*, Revista de Estudos Ibéricos, 11. Guarda, Centro de Estudos Ibéricos.
- Lourenço, Eduardo (2015). A Casa Perdida (páginas diarísticas), Bahia, 10 de setembro 58. In *Do Brasil: fascínio e miragem*. Lisboa, Gradiva.
- Lourenço, Eduardo (2015). A Miragem Brasileira [entrevista por Rui Moreira Leite]. In *Do Brasil: fascínio e miragem*. Lisboa, Gradiva.
- Lourenço, Eduardo (2013). Vida Partilhada. Eduardo Lourenço o CEI e a Cooperação Cultural. Coleção *Iberografias*, 21, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos-Âncora.
- Jacinto, Rui (2013). Pensar Nove Décadas de Amizade. In Tiago Pedroso de Lima - *Ler Eduardo Lourenço, Blog do Projecto Edição Obras Completas de Eduardo Lourenço*, Universidade de Évora.
- Jacinto, Rui & Dieguez, Valentin Cabero (2018). Andanças e reflexões transfronteiriças: Roteiro Miguel de Unamuno - Eduardo Lourenço. *Coleção Iberografias*, 34, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos-Âncora.
- Jacinto, Rui (2020). Tributo a Eduardo Lourenço nos vinte anos do Centro de Estudos Ibéricos. In *Iberografias*. Revista de Estudos Ibéricos, 16, 2020. CEI, Guarda.

